

Universidade Federal de Santa Catarina

Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância

Marianne Stumpf

Escrita de Sinais II



Florianópolis
2009

1. A aquisição da função semiótica ou, como o indivíduo constrói seu mundo simbólico:

Dois importantes teóricos Piaget e Vygotsky que se dedicaram a pesquisar como surge o conhecimento chegaram à mesma crença de que ele evolui das formas elementares para as formas superiores, sendo o desenvolvimento humano, um processo de inter-relação (interação) entre o meio social e as bases biológicas. A tese principal de Piaget mostra que existe uma continuidade, entre a inteligência e os processos biológicos, que ultrapassa o condicionamento hereditário.

Piaget (1970) na obra: *O Nascimento da Inteligência na Criança*, usa a expressão psicogênese para falar da aprendizagem, pois acredita que esta é uma construção psicológica. Ele estudou detalhadamente, por meio da observação exaustiva de seus filhos, como se desenvolve a inteligência na criança, como se dá o processo da aprendizagem e como se constrói a representação simbólica que possibilita a ocorrência da linguagem.

Primeiro a criança manipula os objetos, depois percebe, e finalmente representa simbolicamente. Na criança pequena a atividade física é fundamental para toda a aprendizagem. Ela aprende a perceber e controlar a correção de suas próprias percepções por meio do manejo de objetos e de movimentos do corpo. Esse é, para Piaget, o primeiro estágio do desenvolvimento cognitivo, o período sensório-motor. A passagem do primeiro para o segundo estágio, que ele denomina pré-operatório, se dá quando surge a função simbólica que permite à criança diferenciar o sujeito (ela própria) do objeto (o mundo que a rodeia) e tem início por volta dos oito meses. Há três manifestações básicas da função simbólica.

1) A imitação diferida – quando a criança imita algum objeto ou pessoa com o próprio corpo.

2) O brinquedo simbólico – quando “ela faz de conta” e vivencia uma determinada situação.

3) A fala – que é a manifestação mais clara da função simbólica.

Piaget chama função semiótica àquela que possibilita ao sujeito representar objetos ou situações que estão fora de seu campo visual por meio de imagens mentais. A representação é a condição básica para o pensamento existir. O que constitui a função semiótica e faz com que a criança ultrapasse a atividade sensório-motora é a capacidade de representar um objeto ausente por meio de símbolos ou signos, o que implica diferenciar e coordenar os significantes e os significados.

Na criança, o período sensório-motor, durante o qual os objetos só existem interdependentes da atividade do sujeito, é anterior à função semiótica. Nesse período, falta a evocação do ausente, o tempo e o espaço. Quando a criança consegue imitar um modelo ausente ela mostra que adquiriu a função semiótica. A representação permite que a criança organize o espaço e o tempo e se diferencie dos objetos. Pode então recordar e planejar. Associar suas ações no espaço e no tempo. Reconhecer-se como diferente dos outros. As representações de ordem superior (representações simbólicas) são também coletivas, porque precisam ser objeto de convenções que lhes atribuem sentido culturalmente definido, constituem-se no signo verbal para as línguas faladas e no sinal gestual para as línguas de sinais.

Piaget observou que certos instintos, reflexos, deixam de funcionar normalmente por falta de um meio apropriado em um determinado momento. Nos bebês surdos podemos observar este fato, em relação aos balbucios iniciais, comuns a todos os bebês, também aos surdos, que desaparecem ao invés de evoluir para a fala por falta do estímulo auditivo, que seria proporcionado pelo meio.

O contato com o meio não tem por resultado apenas desenvolver reflexos, mas também coordená-los produzindo uma aprendizagem em função da interação com o meio, assim a criança adapta sua conduta aos diferentes objetos. A criança chupa seus dedos, depois outros objetos como o brinquedo etc. Ela assimila estes objetos à atividade do reflexo levando todos os objetos à boca e finalmente vai usar esta conduta para reconhecer os corpos.

A fisiologia do organismo oferece uma montagem hereditária inteiramente organizada e virtualmente adaptada, mas que nunca funcionou. A psicologia começa com o funcionamento desse mecanismo.

No bebê o exercício de sucção é um reflexo hereditário. As manifestações do bebê, concomitantes às repetições do exercício, expressando diferentes estados de consciência (satisfação raiva calma agitação etc) mostram que o mesmo estado de consciência não se reproduz duas vezes idêntico a si próprio e apontam para uma significação, pressupondo uma utilização individual da experiência e caracterizando o reflexo como um mecanismo causador de um exercício significativo, e por consequência, de uma aprendizagem.

2. A aquisição da linguagem

Quanto à audição e a fonação Piaget (1970) ainda em *O Nascimento da Inteligência da Criança*, diz que são reflexos hereditários que por volta do segundo mês dão lugar a adaptações adquiridas. Claramente, durante o segundo mês, o som do ouvido provoca uma parada, mesmo pouco duradoura, da ação em curso e uma busca clara.

O ouvido e a voz estão ligados, para a criança, desde o início da adaptação adquirida, talvez haja até uma ligação hereditária, mais isso Piaget relata que não pode comprovar.

A fonação está organizada em dois sentidos complementares, primeiro na medida em que o conjunto de sons produzidos constitui um sistema de articulações interdependentes, e depois, na medida em que a fonação se coordena com outros esquemas, sobretudo com os esquemas auditivos.

O bebê surdo quando exercita seus reflexos de balbucios iniciais não encontra o estímulo externo (sons) que tornaria seu exercício significativo e, por conseguinte, capaz de gerar a aprendizagem da fala.

A montagem hereditária que se manifesta nos balbucios iniciais (reflexos) deixa de funcionar por falta do retorno auditivo impedindo a aprendizagem da fala que se daria na troca com o meio. Essa acomodação perpétua dos órgãos vocais à realidade fônica, percebida pelo ouvido, deixa de existir no caso dos sujeitos surdos.

Quanto ao ouvido, até o segundo mês, a única reação que se observa na criança é o interesse pela voz. A partir do segundo mês se estabelecem duas coordenações essenciais: coordenação com a fonação e coordenação com a visão. No segundo mês a cabeça se move em direção ao som e progressivamente, acontece uma assimilação, que iniciando pelo

simples prazer de escutar progride para a discriminação e logo o reconhecimento de certos sons.

Da associação entre um som e uma percepção visual pode-se dizer que os esquemas visuais e auditivos se assimilam reciprocamente: a criança procura averiguar sistematicamente a que quadros visuais correspondem os sons ouvidos, isto acontece porque ela se esforça para ver tudo.

Uma vez adquirida a coordenação, do ouvido e da vista, a criança começa a procurar sistematicamente, a propósito de tudo, a correspondência entre os sons e os quadros visuais. Nos bebês surdos os esquemas visuais e auditivos, pela ausência desses, não podem assimilar-se reciprocamente. O bebê se esforça para ver tudo, mas chama a atenção de seus cuidadores à falta de reação aos sons ambientes. O quadro de compensação se manifesta na hiper-vigilância que caracteriza o comportamento de muitos surdos mesmo adultos.

Outros pesquisadores registraram, que a mãe surda, trabalha sempre com a atenção visual da criança e jamais inicia um jogo ou brincadeira até que a criança olhe para ela. Já, quando a mãe não é surda, é o bebê que tenta resolver, pelos seus próprios meios, o problema da comunicação: os bebês surdos de pais ouvintes, não expostos à língua de sinais desde o nascimento, começam a desenvolver gestos manuais para expressar seus pensamentos, desejos e necessidades. A criança não sofre por parte do meio uma simples pressão exterior, mas, pelo contrário, procura adaptar-se a ele. Portanto a experiência não é recepção, mas ação e construção progressiva.

O fato fundamental, para a criança surda que está impedida de adaptar-se ativamente ao meio sonoro é o de que a língua oral, cuja representação sonora é a palavra, não pode ser adquirida naturalmente.

Observações realizadas por Karnopp (1999), na aquisição da Libras, investigam três aspectos do desenvolvimento infantil: a questão da percepção visual, da produção manual e da importância do input visual. O input em língua de sinais é, obviamente, importante para que o bebê passe para etapas posteriores no desenvolvimento da linguagem. (Karnopp e Quadros, 2001 p. 217).

Sobre a aquisição da língua de sinais, os primeiros sinais ou as primeiras palavras aparecem, indiferentemente a qual seja a modalidade da língua, entre os dez meses e o primeiro ano de idade. Esses mesmos estudos mostram que as crianças surdas com pais

surdos, inicialmente balbuciam com as mãos, começam então a produzir enunciados de um único sinal, e em seguida, combinam sinais formando sentenças simples. Portanto, as diferenças na modalidade entre as línguas orais auditivas e as línguas gestuais-visuais não obstruem o processo de aquisição de uma língua.

A extinção da atividade fônica reflexa é uma pista importante na descoberta da surdez congênita. O ouvido não dá nenhum sinal exterior de sua ausência, por isso, muitas vezes a surdez só é descoberta quando, na idade apropriada, a criança não começa a falar.

Testes simples podem ser realizados, ainda no hospital, quando do nascimento dos bebês que detectam a surdez, são preconizados pela Organização Mundial da Saúde e começam a ser realizados no Brasil, em alguns locais de excelência.

Em sua tese de mestrado (Karnopp, 1994) estabelece um paralelo entre desenvolvimento lingüístico de crianças ouvintes e de crianças surdas filhas de pais surdos, usuários de Língua Brasileira de Sinais – Libras e conclui pela convergência das diversas etapas de aquisição, incluindo o período pré-lingüístico e evidenciando os mesmos princípios de aquisição compartilhados por crianças surdas e ouvintes.

Piaget identificou ainda, mais dois estágios na construção do conhecimento além do sensório-motor e do pré-operatório. O terceiro estágio é o operatório-concreto quando o raciocínio lógico passa a se sobrepôr à percepção e à intuição, esse estágio vai dos 7 aos 11 anos. Sua principal característica é permitir pensar operatoricamente isto é, ser capaz de organizar as informações em sistemas e conseguir lidar com as várias relações possíveis nesse sistema, reversivelmente, isto é indo e vindo. Por isso, esse período, permite a aquisição da escrita.

O quarto estágio é o operatório-formal à partir do qual o sujeito pode pensar sem recorrer ao real ou a sua representação. Esse é o pensamento do cientista que não fica só observando a realidade, mas levanta hipóteses, faz previsões a partir de cálculos matemáticos, que não são nada reais. Piaget concluiu que a pessoa desenvolve as operações formais dos 12 aos 15 anos. A partir daí vai utilizar as mesmas operações de uma forma cada vez melhor.

O construtivismo de Piaget teve o mérito de superar o empirismo que dizia ser o conhecimento fruto exclusivamente da experiência por via das percepções. Ele nos fez ver que, entre o dado da realidade e o conhecimento, há uma importante elaboração do

aprendiz. Conforme Costa (2003), Piaget abstraiu os fatores sociais no estudo do desenvolvimento da criança por uma questão metodológica, durante o processo de investigação, porém fica claro no conjunto de sua obra, que considerava o desenvolvimento cognitivo dependente de fatores sociais.

Outros pensadores como Vygotsky focaram mais a dimensão social dizendo que a aprendizagem é um fenômeno grupal. O pesquisador russo Vygotsky, já em 1925 em ensaios sobre a educação de surdos, havia percebido a necessidade do uso da língua de sinais para possibilitar sua educação. Os ensaios infelizmente só foram publicados em inglês em 1989.

Quando se trata do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, isto não é algo que acontece de modo automático, para serem absorvidas precisam de mediação cultural. Os instrumentos culturais foram desenvolvidos para as pessoas que tem todos os órgãos dos sentidos, todas as suas funções biológicas. A chave para o desenvolvimento da pessoa diferente será a compensação, o uso de um instrumento cultural alternativo, para os surdos é a língua de sinais. Ela está voltada para as funções visuais que estão intactas. Constitui o modo mais direto e mais simples de permitir o desenvolvimento pleno, o único a respeitar a diferença, sua singularidade. (Vygotsky *apud* Sacks, 1989, p. 63)

As questões que se referem ao que é língua e como ela está representada no cérebro, ainda colocam muitos interrogantes para os neurocientistas e lingüistas. Quanto à necessidade dos surdos utilizarem a língua de sinais não se encontram mais argumentos sérios de estudiosos que a contradigam.

As línguas de sinais são consideradas pela lingüística como sistemas lingüísticos legítimos, de modalidade gestual-visual, capazes de proporcionar aos surdos o meio apropriado para a realização de todas suas potencialidades lingüísticas.

No Brasil, a Libras é a língua de sinais que se constitui naturalmente dentro das comunidades surdas urbanas. A pesquisadora Ferreira Brito, em 1984, detectou existência de outra língua de sinais no Brasil, usada por índios da floresta Amazônica, no Estado do Maranhão – a Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LKSB).

A Libras possui suas regras próprias e apresenta estruturas sistemáticas em todos os níveis lingüísticos. Expressam sentimentos, estados psicológicos, conceitos concretos e abstratos, processos de raciocínio.

Reflexão:

Esse texto é bastante complexo, mas é também importante e precisa ser bem compreendido, pois é o fundamento de porque as crianças surdas precisam ser expostas á língua de sinais desde bebês para que não percam tempo e adquiram a linguagem ao mesmo tempo em que as crianças ouvintes o fazem. Como vimos, essa aquisição vai permitir a criança construir a função semiótica, quer dizer, ter a possibilidade de contar com uma representação mental indispensável para seu desenvolvimento cognitivo.

Continue esclarecendo o significado das palavras que você não conhece bem, pois é importante que você, como professor, compreenda todos esses conceitos.

3. A construção dos sistemas de representação

As línguas são representações simbólicas, quer seja uma língua oral ou uma língua de sinais, assim como suas escritas. Elas se constituem historicamente ao longo da evolução dos povos como construções coletivas que resultam em sistemas de representação.

Sobre os sistemas de representação Ferreiro (1985), que acolhe a teoria piagetiana, ao analisá-los, diz que esse é um processo seletivo que retém alguns dos elementos, propriedades e relações do real e que o omitido é aquilo que deve ser re-introduzido no momento de interpretar. Ela diz ainda quanto aos sistemas de representação que a construção de uma primeira forma de representação adequada costuma ser um longo processo histórico, até se obter uma forma final de uso coletivo.

Quando a criança escreve, ela expressa suas idéias graficamente, por meio de um sistema cujo uso supõe a compreensão da sua forma de construção. Construir a escrita significa conseguir criar os elementos adequados à expressão das idéias e estabelecer entre eles a relação apropriada que reflita no texto a gramaticidade da língua. Para o usuário natural de uma língua, no caso as crianças surdas usuárias das línguas de sinais, essa compreensão da estrutura da língua acontece naturalmente ao ser posta em contato com a LS, como acontece com a criança ouvinte quando adquire a língua oral de seus pais. Foi partindo da tese de que a criança surda não difere, em seu desenvolvimento cognitivo da criança ouvinte, que os teóricos do “Centre Déducation de L`ouïe et de la parole de Montbrillant, Suisse”, nos anos 80, sustentaram a passagem de um ensino unicamente

oralista para uma perspectiva de ensino bilíngüe, tomando como referencial o Construtivismo Piagetiano.

Considerando, a partir de Piaget (1947-1977), que toda criança constrói suas ferramentas intelectuais, sobretudo na ação e na experimentação e acrescentando do socioconstrutivismo, a importância das relações sociais nas aprendizagens, damos particular atenção à participação ativa do sujeito e aos trabalhos de grupo, em nossas tentativas de propiciar às turmas de crianças e jovens, com quem trabalhamos, a aquisição do sistema de escrita SignWriting.

A metodologia utilizada visa possibilitar o desenvolvimento da escrita de língua de sinais em momentos distintos de interação, inspirados no método de exploração crítica das situações experimentais, objetivando incorporar os conhecimentos das crianças nas atividades de aquisição do sistema SignWriting.

Partimos do interesse das crianças despertado pelo próprio objeto de conhecimento proposto e em conversas em sinais, para com a utilização dos recursos didáticos disponíveis, iniciarmos a apropriação do sistema SignWriting de escrita de língua de sinais.

4. Períodos de evolução da escrita infantil conforme Ferreiro.

A progressão das hipóteses sobre a escrita segue a linha do desenvolvimento psicogenético que por sua vez reproduz algumas das etapas-chaves da evolução da história da escrita que vai do pictograma ao sistema puramente alfabético dos gregos. Esse fato permite supor que é necessária uma série de processos e reflexões capazes de superar obstáculos para tomar consciência de certas propriedades fundamentais da linguagem. Essas tomadas de consciência, acontecidas no plano social na evolução de uma língua, desempenham um papel semelhante no caso individual que exige da criança, uma tomada de consciência do que ela faz com a linguagem quando fala para, ajudada pelo professor, passar desse saber fazer empírico para um saber conceitual.

Estudiosos da alfabetização das crianças em línguas orais, de diversas nacionalidades propuseram várias etapas que precisam ser vencidas pelas crianças no desenvolvimento da leitura e da escrita. Com base na teoria piagetiana, Ferreiro, (1982, 1985 e 1999) observa que a escrita infantil segue uma linha de evolução regular, dentro da

qual podemos distinguir três grandes períodos e pontua que graças à teoria de Piaget, pode descobrir um sujeito que reinventa a escrita, para fazê-la sua. Ela identificou no processo de construção do sistema de escrita 3 níveis que o caracterizam de forma ampla, sendo que em seu interior ainda cabem múltiplas subdivisões, das quais não iremos tratar, por serem construções específicas da escrita das línguas orais.

No entanto, nossas tentativas da apropriação do sistema SignWriting, tiveram em mente essas 3 etapas amplamente caracterizadas, quando realizamos nossas experiências, estabelecendo as relações possíveis no tratamento desses objetos de conhecimento, funcionalmente idênticos, mas essencialmente diferentes, quais sejam a escrita das línguas orais e a escrita das línguas de sinais.

5. Descrição das minhas experiências de aquisição do SignWriting com diferentes grupos de surdos e ouvintes de diversas faixas etárias.

O primeiro período, conforme Ferreiro é o da distinção entre o modo de representação icônico e não-icônico. A origem gráfica comum do desenho e da escrita faz com que apareçam inicialmente, para a criança, como marcas indiferenciadas no papel.

A distinção entre o que é próprio do desenho representativo e o que é parte da escrita começa a ser estabelecida a partir dos 4 anos.

Quando trabalhamos a alfabetização em SignWriting com crianças que estão sendo, ou já foram alfabetizadas na escrita da língua oral, iniciamos nosso trabalho observando se elas já estabeleceram essa distinção entre os modos de representação desenho e escrita.

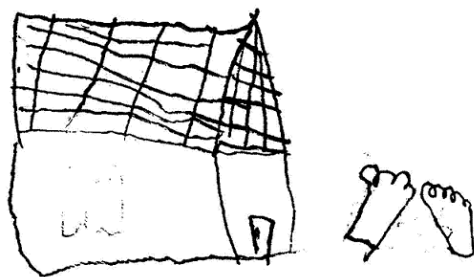
Para atingir esse objetivo, uma forma é mostrar um livro ilustrado de histórias infantis com escritas em língua oral que acompanhem as ilustrações. Contamos a história mostrando cada página. Dialogamos sobre a história, sobre as ilustrações e sobre as escritas. Reconhecemos que essas correspondem à língua oral. Em seguida, podemos pedir que elas tentem usar o papel para exprimir no caderno, ou em folhas brancas, sua compreensão da história, mas não podem escrever palavras do português.

As crianças não sabem que existe uma escrita de língua de sinais, não viram nada do sistema SignWriting, mas trabalhamos juntas em língua de sinais e eu sinalizei que era

professora de língua de sinais e que comigo não iriam escrever as palavras da língua oral mas iriam escrever os sinais.

As produções das crianças, reproduzidas no exemplo abaixo, permitem observar que elas já diferenciam o que é desenho, e o que é escrever a história. Mostram compreender também a possibilidade de uma representação escrita dos sinais diferente da escrita da língua oral.

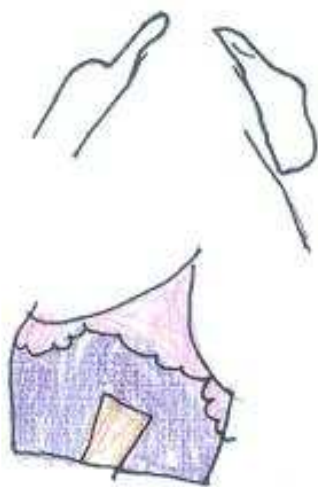
Nas produções podemos perceber que a diferença entre desenho e escrita está bem estabelecida, uma vez que desenhavam os personagens e, ao lado, procuram representar os sinais desenhando as mãos, não aparecem letras ou palavras escritas em português. São crianças, de uma escola de surdos, que estão sendo alfabetizadas em português.



DESENHO E SINAL DE CASA



SINAL DE LOBO



SINAL DE CASA E MÃOS FAZENDO O SINAL DE CASA



SINAL DE COMER E DESENHO DE PRATO

No segundo período acontece a construção das formas de diferenciação dentro da própria escrita, conforme Ferreiro é o período do controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativos e quantitativos.

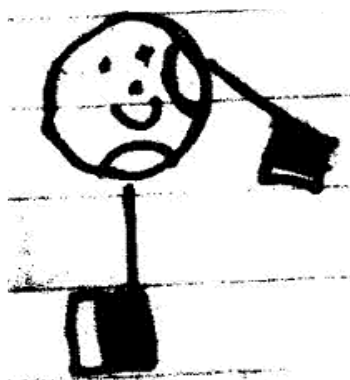
Depois que a criança consegue distinguir entre o desenho e a escrita ela começa a preocupar-se e a construir hipóteses sobre as diferenciações que acontecem no interior de cada uma dessas linguagens. No caso da escrita da língua oral, as crianças dedicam um

grande esforço intelectual na construção de formas de diferenciação entre as variações que se referem ao número de letras e a sua variedade.

Em nosso trabalho a observação conjunta, professor e alunos, do trabalho das crianças que, ao contar a história, desenham mãos sinalizando é ponto de partida, para o diálogo seguinte que introduz a possibilidade do sistema SignWriting como representação da língua de sinais.

Conforme vimos em Piaget (1970) a função semiótica possibilita à criança representar um objeto ausente por meio de um símbolo, ou de um signo, e a representação nasce da diferenciação e da coordenação combinadas, correlatas entre significantes e significados. Ao trabalhar a leitura e a escrita dos sinais pelo sistema SignWriting as crianças precisam tanto interpretar, como produzir os elementos e suas relações, a partir da reconstrução do sistema. A forma de fazer isso é ir adquirindo a representação simbólica pela observação dos sinais escritos. Trabalhamos conjuntamente a escrita para que a criança atue, não somente lendo, mas também, desenhando e escrevendo no quadro e no caderno.

Pela produção escrita das crianças podemos identificar as primeiras tentativas de associar o desenho das mãos sinalizando a uma representação correspondente do sistema SignWriting. Como o sistema tem referências também ideográficas, muitos sinais escritos são reconhecidos rapidamente. A identificação começa a acontecer também em relação aos eixos quantitativo e qualitativo quando começam a perceber as diferenças existentes entre os diversos elementos que compõe um sinal escrito (uma pilha).



SINAL DE SURDO

O terceiro período identificado por Ferreira é a fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético) para as línguas orais, tem início quando a criança vai descobrindo quais as partes da escrita (as letras e sílabas) que podem corresponder a outras tantas partes da palavra oral.

Em nosso trabalho pensamos que esse período poderia ser relacionado ao reconhecimento da correspondência entre os elementos do símbolo em SignWriting com as configurações correspondentes do sinal manual. Os primeiros elementos a serem reconhecidos são os três símbolos básicos de configuração da mão: punho fechado, punho aberto e mão plana. Observamos essas configurações nos cartazes e estabelecemos a correspondência dos três símbolos com as mãos sinalizando. Continuo explicando como são adicionadas linhas para os dedos nos mesmos símbolos básicos de configurações das mãos.

Procuramos associar o critério de fácil memorização do símbolo, com o critério de significado, para que o primeiro sinal possa ser uma aprendizagem simples e prazerosa para as crianças e também para os alunos maiores. Por exemplo, na Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico, o primeiro sinal trabalhado foi o de “mamãe” que corresponde ao dedo indicador estendido com a mão de lado, essa posição faz parte do grupo 1 do sistema SignWriting. Esse sinal possibilitou ampliar as experiências a serem relatadas pelas crianças e gerar uma cadeia de sugestões de outros sinais, que fomos escolhendo, de forma a ir introduzindo o sistema de escrita, obedecendo ao critério de iniciar pelo grupo um e ir avançando ordenadamente na série de grupos até chegar ao grupo 10.



SINAL DE MAMÃE

Esse ordenamento não é rígido, pois permite o ir e voltar, nas construções do sinalário e das frases, mesmo de pequenos textos. As leituras e construções vão avançando de forma natural de acordo com os interesses manifestados pelas crianças. No entanto a organização em grupos norteia as aquisições formais. O aluno desenhou o sinal do papai já usando, em parte, o sistema de SignWriting.



SINAL DE PAPAÍ

O aluno desenhou o objeto bola e escreveu a palavra em português e na segunda figura o símbolo de SignWriting correspondente às configurações das mãos em “bola”.



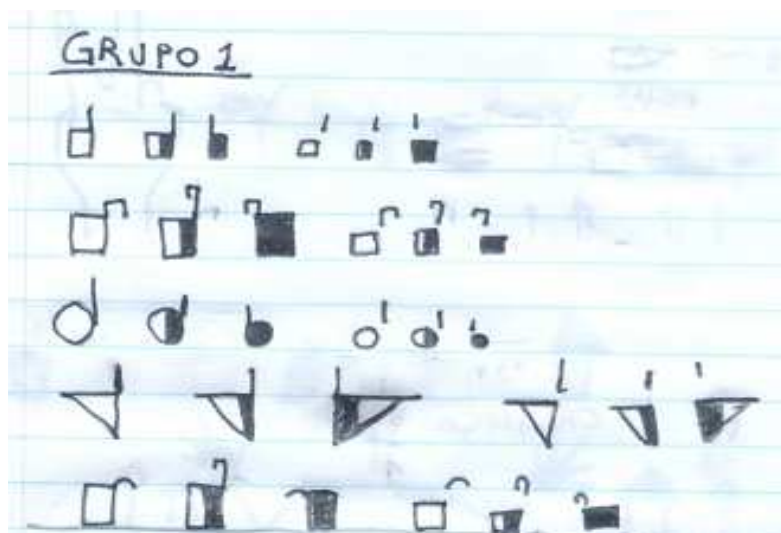
DESENHO DE BOLA



SINAL DE BOLA

Embora exista o critério de ir avançando, no processo de aquisição da escrita de língua de sinais - ELS pelo sistema SignWriting, a partir dos dez grupos de configurações e, essa aprendizagem, inclua a cópia de listas das combinações possíveis para cada configuração, essas sempre são apresentadas, antes da formalização em grupo, dentro do contexto do sinal escrito completo, que compreende a expressão facial, a configuração de mão, os símbolos de contato e de movimentos. A formalização vem num segundo momento quando os alunos já entenderam bem do que se trata.

No exemplo abaixo, escrevi no quadro os símbolos de configurações de mão do grupo um, pois eles estão fazendo muitas perguntas e assim poderão pesquisar para construir seus símbolos.



GRUPO 1



SINAIS ESCRITOS E PALAVRAS EM PORTUGUÊS

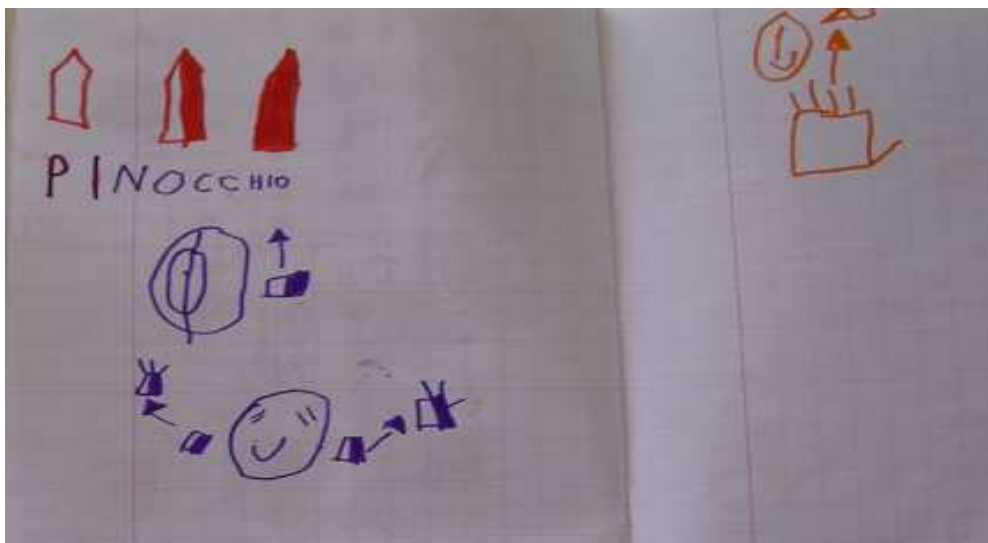
Incentivamos ainda, a cópia dos sinais já construídos Pelos alunos, ou já apresentados a eles, como forma de aumentar a possibilidade de retenção na memória, de cada um dos detalhes específicos de um símbolo já compreendido.

A cópia de modelos perfeitos não apenas amplia o número de leituras de formas corretas, como estimula, de maneira natural, o processo de análise estrutural, que permitirá fazer com que ocorra a leitura real. O ensino da escrita poderá se dar concomitantemente ou não ao processo da escrita, dependendo do nível da habilidade motora do aluno.

Segundo Piaget (1947-1977), o período perfeitamente propício à aprendizagem de sistemas reversíveis, como o da escrita, só acontece a partir dos sete ou oito anos de idade, quando o conhecimento se constrói no indivíduo de uma forma já operacional, embora ainda preso às percepções sensoriais. Essa idade mencionada representa uma média, portanto algumas crianças, poderiam se mostrar capazes de descobrir a leitura antes por apresentarem as citadas características operacionais, outras depois, mas elas seriam a exceção, não a regra.

Na construção das produções escritas das crianças surdas a metodologia levou em conta o conceito piagetiano de que a criança ao se apropriar de um sistema de representação, o reinventa, isto é, reproduz sua construção através de hipóteses, nas tentativas de utilização dos símbolos, diferenciando os elementos e as relações do sistema de representação, bem como, estabelecendo a natureza do vínculo entre a representação constituída pelos símbolos arbitrários e seu objeto do conhecimento.

Da vivência em classe da criança, sempre influenciada por suas experiências familiares, e da comunidade onde se insere, surge à linguagem como meio de expressão de suas emoções e pensamento, desse contexto sociolinguístico vão surgir às oportunidades de leitura e escrita constituída pelos símbolos arbitrários e seu objeto do conhecimento.



OS PERSONAGENS DE UM LIVRO

O processo de alfabetização em SignWriting deve ter a preocupação de estimular as competências lingüísticas inatas no indivíduo e levá-lo a adquirir a leitura e a escrita a partir de sua própria linguagem, de seu potencial e de motivações naturais.

Diferentemente da alfabetização na língua oral de seu país, que está escrita em toda parte, a criança surda não está exposta a uma escrita da língua de sinais, esse é um dos motivos pelo qual a sensibilização à proposta de aprendizagem é essencial. A sensibilização deve incluir a participação ativa da criança, seja contando uma história, ou executando atividades imaginadas pelo professor que levem ao objetivo de sentir a possibilidade e a necessidade de uma escrita para representar os sinais.

Depois da tarefa de sensibilização, começo a mostrar que o sinalizado pode ser escrito. Os símbolos do SignWriting vão aparecendo, aos poucos, inicialmente associados à narrativa. Sigo a ordem do manual para o ensino formal da escrita, mas essa ordem não limita o diálogo nem a satisfação das curiosidades e dúvidas que vão surgindo. Respondo às perguntas com a solução apropriada ao caso, não importa que essa solução só vá ser abordada formalmente bem mais tarde. A criança tem sua pergunta respondida e, embora não consiga captar bem todo o alcance da resposta, vai seguindo adiante. Gradativamente sua compreensão do sistema vai se ampliando.

6. Alternativas Didático-Pedagógicas

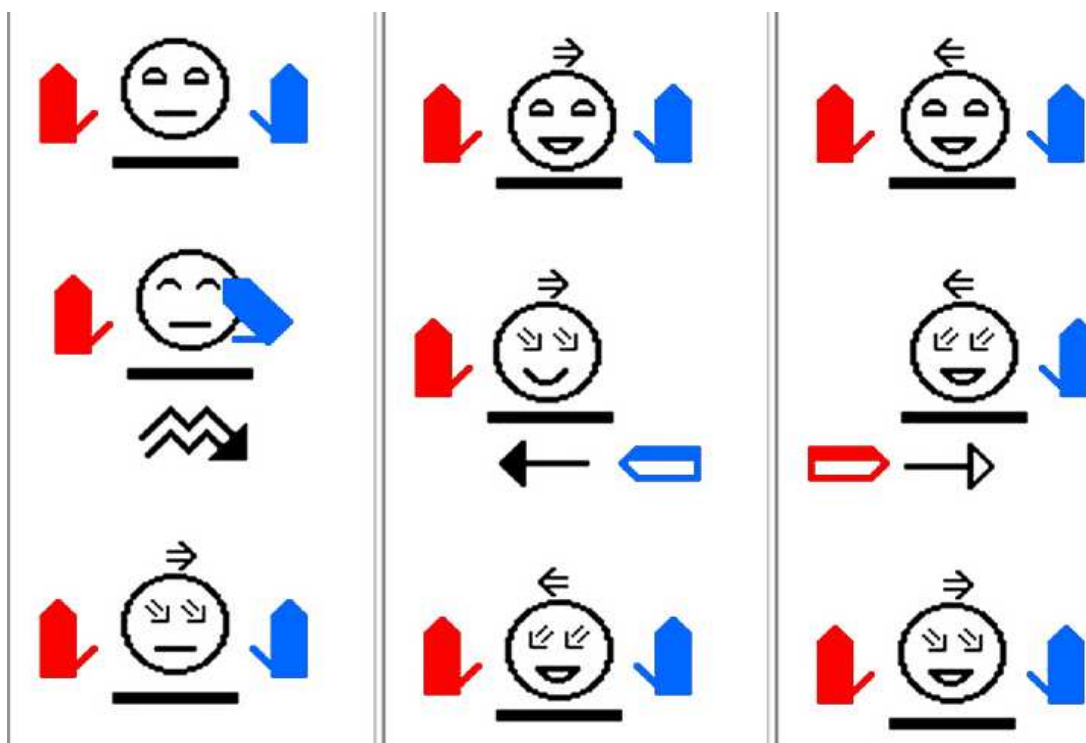
Até agora, observamos detalhadamente, como um grupo de crianças surdas iniciou sua aquisição do sistema de ELS SignWriting relacionando as etapas de aquisição do conhecimento propostas por Piaget que fundamentaram as etapas de alfabetização propostas por Ferreiro. Eram crianças da segunda série do ensino fundamental que já estavam em processo de alfabetização em português.

Para as crianças da educação infantil é necessária uma abordagem diferente daquela experimentada com as classes das crianças maiores, que já estão sendo alfabetizadas na língua oral.

Na pré-escola a leitura dos sinais escritos deve ser apenas uma leitura lexográfica, de signos escritos representando sinais e frases do interesse das crianças dessa idade, muitos cartazes com poucos signos escritos. Poderíamos também contar muitas histórias e mostrar os sinais grafados para que pudessem ir observando a escrita de língua de sinais em muitas situações.

Poderão trabalhar o SignWriting, familiarizando as crianças com essa escrita, que não aparece em todas partes, como aparece a escrita do português. Poderão construir cartazes com desenhos e a escrita das duas línguas para que elas possam se habituar com a idéia de que existe uma escrita para os sinais diferente da escrita da língua oral.

No exemplo abaixo, uma professora de educação infantil trabalhou junto a lateralidade direita x esquerda e a escrita do SignWriting. Os sinais escritos contam uma história que foi sinalizada e dramatizada antes pelas crianças. A história do carro.



A HISTÓRIA DO CARRO

Quando formos trabalhar a aquisição do SignWriting com jovens ou com adultos a abordagem poderá ser mais formal, de acordo com seu estágio evolutivo. Podemos iniciar mostrando um livro escrito em SignWriting, contar a história da criação do sistema, explicar sua estrutura e funcionamento mostrando exemplos de alguns sinais sugeridos pelo grupo, que construiremos no quadro. Vamos apresentar e distribuir o manual de escrita do SignWriting, ou um resumo dele, que mostre como construir os sinais pelo sistema SignWriting.

Nas aulas seguintes já poderemos trabalhar diretamente com a leitura e escrita dos sinais, observando o andamento das aprendizagens, incentivando a autonomia dos membros do grupo, ao mesmo tempo, a cooperação com os colegas. Promoveremos leituras, construção de frases e textos coletivos e individuais. Poderemos construir um dicionário bilíngüe, historinhas e poesia. Podemos pedir que escrevam cartas uns aos outros ou para amigos distantes.

A criação de um ambiente cooperativo e envolvido com o mesmo interesse oferecerá naturalmente inúmeras sugestões de utilização da ELS.



ELAS ESTÃO LENDO UMA CARTA EM SIGNWRITING E SINALIZANDO.

As aulas precisam ser planejadas e as atividades propostas para os alunos de acordo com o desenvolvimento e os recursos de cada grupo. No entanto, alguns procedimentos podem ser comuns a todos os grupos, principalmente os que envolvem a questão da identidade surda, que não é uniforme, mas possui traços comuns evidentes em qualquer grupo de surdos.

A criança surda, quando passa a fazer parte de uma comunidade surda, recebe pela segunda vez um nome próprio. Em seu grupo de surdos ela vai ser conhecida por um sinal particular que não tem qualquer relação com seu nome na língua oral de seu país. Os surdos têm muito aguçada sua percepção visual e sempre encontram algum traço característico que destacam e sinalizam. O consenso dentro do primeiro grupo surdo de convivência vai sancionar aquele sinal como sendo o nome da pessoa, que ira acompanhá-la para sempre, dentro das comunidades surdas. Por exemplo, meu nome é Marianne em português. Meu nome como membro de comunidade surda é escrito assim em SignWriting.



SINAL ESCRITO DE MARIANNE

Para a criança surda, aprender a escrever seu nome em escrita de língua de sinais tem um significado importante para sua auto-estima e possibilita sentir-se um sujeito surdo com identidade surda. Ela sente que não está só. Ela pertence a um grupo e tem um nome próprio dentro desse grupo que é uma marca de pertencimento. Uma criança surda que vive em uma família de ouvintes sente felicidade por estar adequada e incluída no grupo. Aprender a escrever seu nome surdo garante motivação e interesse, pois o significado dessa aprendizagem é carregado de emoção que ativa a mente. O nome surdo de cada criança escrito em SignWriting é uma das construções que todas as turmas com quem trabalhei fizeram em conjunto no quadro. Essa aprendizagem também influencia o relacionamento dos alunos entre si, assim como a forma de pensarem e refletirem a respeito de sentimentos de grupo e solidariedade.

A construção do símbolo escrito do nome de cada aluno em língua de sinais é uma atividade que deve ser proposta para todos os alunos que ainda não tenham feito essa construção, não importa a idade.



O oferecimento de um sistema democrático e participativo de vida, dentro da sala de aulas, que respeita e olha o aluno, enxergando-o como ele é, a comunicação estabelecida em nossa língua natural para realizar um trabalho comum, propicia que o próprio grupo gere regras de convivência e aceite com seriedade a necessidade de atenção e respeito para que se configure um espaço de trabalho produtivo. Nas produções infantis podemos observar como as crianças vão construindo sua escrita em SignWriting. Desenham os objetos, desenham mãos sinalizando, começam a observar os símbolos apresentados pela pesquisadora e vão conseguindo diferenciá-los qualitativa e quantitativamente, compreendem que eles correspondem aos sinais da Libras e aprendem a estabelecer correspondência entre os sinais e os símbolos do SignWriting.

A decomposição do sinal escrito, relacionando os diferentes elementos gráficos mínimos, representados pela escrita, com os elementos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semântico-pragmáticos da língua sinalizada permite ao aprendiz compreender o processo e tentar construir sua própria escrita.

A escrita da língua de sinais capta as relações que a criança estabelece com a língua de sinais. Se as crianças (surdas) tivessem acesso a essa forma de escrita para construir suas hipóteses a respeito da escrita, a alfabetização seria uma consequência do processo. À partir disso, poder-se-ia garantir o letramento do aluno ao longo do processo educacional. (Quadros, 2003)

As trocas simbólicas se constituem no elemento imprescindível para o desenvolvimento da representação por permitirem ao sujeito a interação afetiva com o meio. Não é a falta da língua em si que produz atraso cognitivo no surdo, mas à limitação em realizar trocas simbólicas com seu meio, provocado pela falta de um instrumento simbólico e de um ambiente adequado capaz de solicitá-lo e de exercitar sua capacidade representativa.

A limitação na aquisição da língua oral, mesmo na sua representação escrita constitui uma barreira a todas as aprendizagens escolares, fato exaustivamente relatado pelos professores de surdos.

Não é diferente a interpretação de Piaget (1970) que na obra *O Nascimento da Inteligência na Criança*, pela análise de várias condutas representativas, sugere a existência de elementos comuns entre elas e denomina esse mecanismo função semiótica, que é

comum a todas elas. A interação entre as diversas condutas representativas como desenho, escrita e língua oral evidencia-se nas transformações que ocorrem, ao mesmo tempo, em cada uma dessas representações e isso acontece porque todas são processos do mesmo sujeito. Esse sujeito piagetiano que constrói o conhecimento por meio de suas interações com o objeto e ao mesmo tempo constrói-se como sujeito numa interdependência contínua entre a experiência e a razão.

Ilustro, agora, como pode ser a abordagem do ensino do sistema SignWriting para um grupo de alunos adultos, com a narrativa de uma experiência que realizei com pais de crianças surdas:

Na sala do auditório em cima da Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico, fiz hoje, uma apresentação para os dezoito pais e duas irmãs de surdos. Não esperava tantas pessoas interessadas na aula de escrita de língua de sinais.

Todas as terças-feiras, das 13:30 até 14:15 horas esse grupo tem aula de língua de sinais com uma professora surda de Libras. Tem uma mãe que assiste pela primeira vez a aula, os outros sabem um pouco e alguns sabem em nível médio, a língua de sinais. Só um casal do grupo tem um filho que estuda com a mesma professora.

Expliquei aos familiares, o que eu faço na Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico e também sobre a minha pesquisa. Que trata de como as crianças surdas adquirem a escrita de sinais pelo sistema SignWriting. Mostrei o livro de Uma menina chamada Kauana e o manual de SignWriting para todos, que puderam observar e manusear. Comecei a escrever os símbolos básicos de configurações das mãos no quadro e a mostrar como eles reproduzem os sinais.

Site contém o livro: Uma menina chamada Kauana.

<http://signwriting.org/library/children/uma/uma.html>



Uma mãe me perguntou como escrever o sinal escrito “surdo” e outro sinal escrito “ouvinte”, expliquei como é o símbolo e sua correspondência com as configurações das mãos. Algumas mães haviam visto os materiais de escrita de língua de sinais, mas não sabiam o significado, puderam entender o que é.

Mostrei como é o ponto de vista expressivo com os símbolos no quadro e eles acompanhavam com as mãos, algumas mães copiaram em seus cadernos. Algumas querem comprar o manual de SignWriting, que infelizmente ainda não foi editado e não temos para vender não temos para vender. Iremos reproduzindo e entregando o material no decorrer das aulas.

A lingüista, francesa, Boutora registra, em sua dissertação de mestrado que a utilização dessa notação com sentido pedagógico é muito usada na Dinamarca e na Noruega, particularmente pelos pais ouvintes de crianças surdas que estão aprendendo a língua de sinais. Constitui uma notação que permite às pessoas pouco experientes em LS tomar notas. (Boutora, 2003, pg. 92).

Na aula seguinte distribuí o material de SignWriting, para os pais, que ensina como escrever os sinais. Consta de um livro texto com trinta folhas que serve de referência para a escrita dos movimentos da Libras. Inclui diagramas, ilustrações e exercícios. Ele ensina cada símbolo do sistema da escrita SignWriting e oferece aplicações para ler e escrever. As aulas seguintes com os pais começaram com as tentativas de lerem o texto em SignWriting e perguntarem suas dúvidas, depois, aprenderam a escrever os sinais escritos construindo frases.

Tivemos aproximadamente vinte horas aula e eles conseguiram obter uma boa compreensão do sistema. Poderão prosseguir sozinhos se desejarem. A possibilidade de acesso e interação com os pais e colegas, assegura resultados significativos de aprendizagem, também para as crianças, pois cria um ambiente envolvido com o mesmo interesse. Fizeram alguns trabalhos em grupo, ou individuais, para construir um mini-dicionário, poesia e historinhas. Eles gostaram muito das aulas, pois é uma novidade, nunca haviam pensado existir uma escrita que registra a língua de sinais.

Nas aulas com crianças, a ação interessada se manifestou principalmente na manipulação dos jogos e materiais, na postura ativa de corrigir colegas que estão escrevendo no quadro, chamar o professor para perguntar, trazer e caprichar no caderno.

Os jogos didáticos são recursos importantes para a aprendizagem da leitura e da escrita, desenvolvem também as atitudes de comportamento, convivência, organização e participação. As crianças gostam muito de jogar.

Fragmentos do diário de campo, colhidos das experiências, que ilustram essas considerações:

Escrevi só a primeira posição de símbolo de configuração da mão e eles continuaram escrevendo as posições de símbolos das configurações das mãos até completar todas. Percebi que eles estão adquirindo as posições de símbolos, pois escreveram rápidos. O grupo quatro é mais fácil do que grupo três pois são de sinais mais usados.

Depois escreveram os sinais de seus nomes, mostravam com o alfabeto manual e SignWriting no quadro-negro. Alguns olhavam o cartaz com o alfabeto manual e a correspondência em SignWriting. A professora surda ficou admirada de como eles aprenderam com rapidez.

Querem mais jogos, avisei que vamos deixar para outro dia.

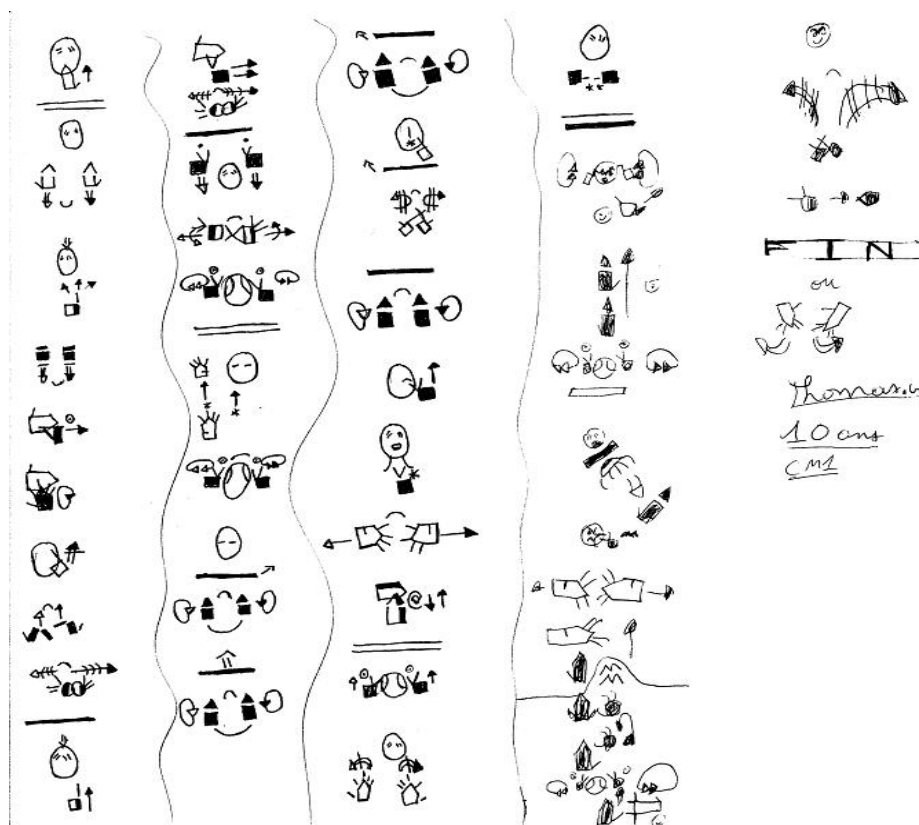
Fui à sala de aula da professora surda onde estão as crianças, elas me olharam e ficaram felizes porque voltei a trabalhar com elas e perguntaram por que estava demorando a voltar.

Comecei a trabalhar pergunta e resposta escrevendo uma frase em SignWriting da LSF no quadro “qual cor gosta?”. Eles lêem juntos, não conhecem o sinal escrito de gostar então mostrei para eles o sinal de gostar, logo associaram ao sinal escrito e repetiram a leitura da frase que entenderam completamente.

Sentamos a mesa e eles abriram os cadernos para construirmos os sinais escritos de cada um. Uma aluna opina que é fácil, outro aluno diz que pode ser fácil ou difícil, depende do sinal escrito. Pedi que tentassem primeiro nos cadernos para depois irmos ao quadro e finalmente cada um colocaria o seu sinal escrito em uma folha branca para pendurar. Trabalhamos assim até que todos colocaram a folha com seu nome pendurada no armário. Foi muito alegre porque faziam brincadeiras uns com os outros sobre como escrever seus nomes.

Distribuí a história do cavalo, que não está completa. Nós lemos juntos os sinais e eles querem escrever a história completa. A menina estava cansada, e escreveu um final

bem simples. O outro aluno que estava animado com a história do cavalo escreveu o final da história muito bem, perguntando como escrever alguns símbolos de movimentos.



O ALUNO ESCREVEU A HISTÓRIA DO CAVALO.

Uma aluna fez uma pasta para colocar histórias em SignWriting da LSF, para estudar, ela me mostrou a pasta, feliz.

Gostam muito de ler textos em SignWriting e de ler quando escrevo no quadro. Querem continuar a ler textos.

Sobre se a escrita do SignWriting da LS ajuda a desenvolver a escrita da língua oral, responderam que sim, amplia os conhecimentos das configurações das mãos. Quando vêem um símbolo passam a refletir sobre qual o sinal que corresponde ao símbolo prestam atenção nos diferentes símbolos.

Elas aprenderam a língua francesa e suas regras de estrutura, logo que começaram aprender a ELS perceberam que não sabiam que a LS também tem regras de estrutura.

Concluo essa disciplina com a observação de que as experiências realizadas, com a aquisição do SignWriting parecem guardar relação com as grandes etapas da alfabetização em língua oral das crianças ouvintes, propostas por Ferreiro que se fundamenta na teoria de Piaget. A aquisição da escrita de sinais pelo sistema SignWriting acrescenta, a meu juízo, dois componentes fundamentais ao processo de alfabetização que, habitualmente não se evidenciam, quando a alfabetização em língua oral é desenvolvida com as crianças surdas:

1 – O aspecto afetivo - A criança surda quando se depara com a aprendizagem do SignWriting sente-se gratificada, sente-se feliz. O reconhecimento de que sua língua de sinais também é importante, também pode ser escrita, a relação que se estabelece entre os colegas para cooperar e trocar conhecimentos, as produções animadas, o poder contar em casa que são possuidores de um conhecimento reconhecido pela escola, são fatores entre outros, de apropriação de um sentimento de auto-estima, do qual elas muitas vezes carecem, e de empenho em aprender.

2 – O aspecto de evolução na aprendizagem - A rapidez com que elas conseguem adquirir o sistema, começam a ampliar seu sinalário e a construir mensagens faz com que se sintam estimuladas a avançar. As dificuldades que encontram são dificuldades possíveis de serem superadas, ao contrário das encontradas na escrita da língua oral, que ensinada aos surdos, com os mesmos métodos que aos ouvintes, não respeita o raciocínio nem a identidade da criança surda.